



Dona Carlota

Heloísa Pait*

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) | São Paulo, Brasil
heloisa.pait@fulbrightmail.org

Há muito o que dizer sobre a Dona Carlota, mas de cara já digo que seu nome não era Carlota Goehler, e sim Tscharna Dranger.

Tinha frases sensacionais, de que na época ríamos e que agora pipocam em nossas mentes nos momentos mais variados. Não é com sal que se caça moscas. Isso é uma falta de respeito para consigo próprio. Mas como uma casa sem cortinas. Mein Gott. Você tem um avô que era gordo. Basta de palavrões à mesa. Afinal, você estuda o quê? Só não se meta em política. E falavam do Moni.

Era difícil ver o amor que tinha por nós, inclusive pela filha, soterrado em tantas críticas. Mas quando minha mãe morreu, as críticas todas pareciam ter se soltado das calçadas do Pacaembu, revelando buracos que só as enxurradas bissextas deixavam para trás.

Era lida e viajada, sem chegar a ser culta ou pedante. Não falava alemão, francês ou italiano, mas sabia uma ou duas frases de cada idioma, que pronunciava com classe e familiaridade. Não suportava Clarice Lispector e seu texto rococó, mas gostava de Marguerite Yourcenar e suas fantasias possíveis. Tinha os pés no chão, como indicava seu apelido de infância, cabrita, dado pelos pais num tempo antigo, antes dos manuais de criação.

Era minha avó, minha e de meu irmão e primos, que a amávamos até com interesse em suas idiossincrasias, idiossincrasias essas que chegavam a maltratar minha mãe e meu tio. De vez em quando trocávamos impressões sobre ela entre nós, maravilhados com suas críticas mordazes e com sua afabilidade quando a visitávamos em sua casa, quando nos recebia com chocolates, histórias e ouvidos atentos. Meu primo mais novo chegou a morar com ela algum tempo, quando estudava medicina, junto com a namorada alemã, a Eva, uma moça alegre e simpática.

Falava um português espetacular, reto e preciso, forjado antes da imigração italiana transformar nosso idioma, as histórias contadas com calma deliberada. Pensem na Cleyde Yácones, os mais jovens que não conheceram pessoalmente essa geração. Essa era a Dona Carlota, colaboradora da Ofidas, entidade filantrópica da comunidade judaica, que mantinha as pratas limpas e, se não cozinhava tão bem, sabia pôr uma mesa e servir direito um jantar, talheres e tudo. Costurava de tudo, me fez vestidos e

* Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho e escritora.



ajustou jeans. E outro dia, assim meio assustada, me dei conta de que essa Carlota toda escondia a Tscharna Dranger, minha parente mais próxima, a quem meu avô disciplinava:

– Basta, Carlota!

Sua ordem, ou talvez apelo, ecoava um outro ainda mais antigo, de seu sogro Dranger à esposa Rosa, como se em minha família uma sucessão de homens tentasse botar um ponto final às nossas falas, com sucesso apenas temporário:

– Você é mesmo uma Pretzel!

Quem eram os Pretzel? E o que, afinal, bastava para meu avô?

Sei pouco dos Pretzel. Sei que chegaram no Brasil em 1889, meu irmão acha que 1891. Gente antiga, vinda da Polônia, enterrada no Cemitério da Consolação. Moravam na Rua Sampson, diz o atestado de óbito de Carlos Pretzel, do cartório do Brás, lacônico, “NÃO DEIXA BENS. NADA MAIS.” E um tanto antes o Estadão “[faz] saber, aos que o presente edital virem, que havendo sido decretada a fallencia de Carlos Pretzel, negociante estabelecido nesta capital, á rua Barão de Itapetininga n. 5”, etc., etc., credores e dívidas. Vieram com uma porção de filhos na bagagem, minha bisavó ainda de colo e um último filho nascido aqui, se não me engano. Vi uma foto do casal, solene, de trajes pretos, na casa da Tia Adélia, mas não sei onde está. A boca de Carlos Pretzel tinha o formato idêntico da de meu irmão, engenheiro da POLI, doutorado em Yale, mas com essa raiz lá do Brás, falida, que não deixou bens e nada mais.

Bastava, ele dizia, da Rua Honduras ou da Rua Almirante Pereira Guimarães, com seu sotaque germânico, o tom de quem tinha servido na guerra, dado e recebido ordens, mas não creio que o que contava para o Vô Leo fosse a origem social ou a nacionalidade.

– Basta, Carlota!

– Você é mesmo uma Pretzel!

Vejo agora – e vejo por quê?

É que andei fuçando esses antepassados nos jornais e registros, e consta no Estadão que minha avó foi “aprovada simplesmente”, junto com a Rebecca Cuschnir e com a Rachel Tabacow, no 2.o Anno Geral do Curso Especial Feminino da Escola de Commercio “Alvares Penteado”. Me desculpem a Emilia Beatriz Meloun, a Anezia Lourenção e a Brasilina Andrade, aprovadas com grande distinção, e também as demais alunas aprovadas com distinção ou plenamente, mas duvido que tenham todas ido tão bem nas provas como minha avó.

Lembro de minha avó traçando todos os meandros do inventário do Bernardo, lidando com os aluguéis dos apartamentos, em meio à alta inflação, de suas interrogações ao



meu irmão, neto mais velho e herdeiro natural e inquestionável de toda a sensatez do Vô Leo, sobre os caminhos da economia e os assuntos internacionais, e simplesmente não me entra na cachola a idéia de que minha avó fosse a décima-segunda daquela pequena turma de 35 jovens alumnas. —

Vejo agora que também ela deve ter caçado moscas com sal, nas pequenas e formais salas do curso especial feminino, também deve ter feito uma ou outra pergunta que o professor não soube responder, também deve ter exibido, entre as moças, decerto muitas imigrantes, mas todas querendo ser mais que vendeiras, algo dos Pretzel, algo do Brás, algo da antiga aldeia europeia, algo amargo e grosseiro, algo, enfim, desagradável, que não agrada, que não faz medidas. Algo de forte e de cabra, que lhe valeu a 12ª posição, a despeito de seus cálculos, de seu modo alerta, lido e pragmático.

Então se ela me mandava parar de caçar moscas com sal, era que tinha tentado ela própria, e não que nunca tivesse cogitado uma tamanha insanidade. Ao meu avô e ao meu bisavô, ambos amantes da vida, um dos negócios fantásticos e outro do caramanchão da casa de campo, um da comida e outro das mulheres, um das roupas finas e outro do riso solto, lhes incomodavam, espelho, esses Pretzel apequenados, queixosos, ou estraga-prazeres, não sei dizer, talvez apenas críticos, como se diz hoje em dia, talvez apenas prontos a botar o dedo na ferida, a dizer o que não precisa ser dito, a exclamar “Mein Gott” diante do que simplesmente não é pra ser.

E aí minha avó Tscharna foi sendo, primeiro Carlota Dranger, e depois Carlota Goehler, até que no papel ao menos não tenha sobrado traço da neta dos Pretzel, tenha emergido uma senhora distinta e respeitável, elegante e educada, mas, como os homens apontavam, e o filhos sentiam, não tinha jeito, ela era mesmo uma Pretzel.

Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 23/03/2022.